

PANTEÃO NACIONAL

AQUILINO RIBEIRO

1. Começo por agradecer ao Presidente da Associação Portuguesa dos Escritores, José Manuel Mendes, o gentil convite que me fez para participar no ciclo em memória dos 50 anos volvidos sobre a morte de Aquilino Ribeiro, um dos maiores escritores portugueses de todos os tempos.

2. Lembro também o filho querido, Aquilino Ribeiro Machado, neto de Bernardino Machado, ex-Presidente da República, meu Camarada e Amigo de toda a vida - primeiro presidente da Câmara de Lisboa após o 25 de Abril.

3. Conheci pessoalmente Aquilino Ribeiro na altura do MUD. E desde então encontrava-o frequentemente na livraria Bertrand, onde publicava todos os anos um livro, sobretudo a partir do final da Segunda Grande Guerra, como dizia no tempo das "abóboras no telhado".

Convivi, de resto, com muitos dos seus amigos, como: Abel Manta, Manuel Mendes, Azevedo Gomes, Jaime Cortesão, após o seu regresso do Brasil, Câmara Reys, Irene Lisboa, José Gomes Ferreira, Ferreira de Macedo, Lopes Graça, e o Prof. Pulido Valente, a cuja tertúlia diária, tive um dia a honra de assistir.

4. Meu Pai, leitor e admirador de Aquilino (todos os dias em Outubro comprava - e lia - um livro seu). Fora seu companheiro nos últimos anos da Monarquia e da acesa conspiração anti-realeza que levou ao regicídio. Aquilino, por ter rebentado uma bomba no seu quarto, foi preso na antiga esquadra perto da sede da antiga Emissora Nacional, donde aliás fugiu, antes do regicídio. Meu Pai dias antes foi deportado para Vila Viçosa. Mas depois a vida de ambos afastou-os, embora, no início da ditadura tivessem participado na Revolução frustrada do 7 de Fevereiro de 1927.

5. Aquilino Ribeiro era um homem rude, às vezes difícil, mas um escritor excepcional e de uma cultura muito variada e perfeitamente rara. Sabia latim, grego e falava correntemente espanhol, francês e alemão. Tinha uma cultura perfeitamente invulgar dos clássicos e um conhecimento da nossa história a todos os títulos raro. Esteve no grupo da Biblioteca Nacional com Jaime Cortesão e Raul Proença e, depois, na Seara Nova. Mas foi acima de tudo um estudioso original que se fez por si próprio. Tinha aliás um conhecimento único da língua portuguesa, com palavras por vezes difíceis de compreender, que escrevia propositadamente para as tornar mais comuns.

6. A obra que nos deixou, sem esquecer os livros infantis, as crónicas políticas bem como os romances e os contos, é verdadeiramente incomparável. Por isso devia ter sido prémio Nobel, como merecia, embora na altura tivesse havido outros concorrentes, que poderiam talvez ter esperado uns anos. Mas não foi o que aconteceu, infelizmente. Honro-me de ter sido seu apoiante entusiasta.

7. Entre as obras primas que escreveu permito-me citar algumas que mais me marcaram: "Andam faunos pelos bosques", "Mónica", "Quando os lobos uivam", que o levaria ao Tribunal Plenário, obviamente o célebre "Malhadinhas", "Os portugueses das sete partidas", "Os príncipes de Portugal, suas grandezas e misérias", que tanto irritou os salazaristas, o que se reflectiu na então chamada Assembleia Nacional, a excelente biografia do seu amigo Brito Camacho, "Camões, Camilo, Eça e alguns mais", em que eu discordo por Aquilino ter posto Camilo muito acima de Eça, "Luiz de Camões, fabuloso e verdadeiro", "Casa Grande de Romarigães", uma obra prima e ainda "Aventura maravilhosa de D. Sebastião" - livro que merece ser lido e relido. E para não vos maçar com tantos outros títulos, cito "Um escritor confessa-se", um livro inacabado, infelizmente, em que conta uma primeira parte da sua vida tão variada, aventureira e interessante, desde o seu começo até ao regicídio, que tem uma nota prévia de José Gomes Ferreira, excelente, e um obscuro prefácio meu.

8. Em suma, a passagem dos anos, mostra-nos que Aquilino Ribeiro foi um dos maiores escritores portugueses de todos os tempos e um invulgar prosador. Termino, agradecendo aos deputados da nossa Assembleia da República - e ao Jaime Gama em especial - terem-no transferido

para o Panteão e à Associação Portuguesa dos Escritores ter promovido esta tão significativa homenagem.

Muito obrigado!

Mário Soares

Panteão Nacional, 25 de Fevereiro de 2013